

Limítrofe: pesquisa em videoarte sobre a poética da vida ribeirinha, com considerações técnicas

Poetics of the riverbank: video art research about life riverside, with technical considerations.

HAVANE MELO

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) – Santa Maria da Vitória, BA, Brasil

RESUMO

Esse trabalho é uma coleção de oito vídeos que retratam de forma ficcional a vida no interior da Bahia, especialmente nas zonas próximas de rios. Diversos elementos culturais são apresentados e discutidos ao longo do texto, numa construção poética focada em elementos que compõem o universo das águas urbanas, como pontes, barcos e pessoas em trânsito. Como referencial teórico, baseio-me nas teorias de Vilém Flusser sobre a caixa preta, de Philippe Dubois sobre cinema de exposição e de Boris Kossoy sobre a ficção na fotografia. Ainda, reflito sobre como as redes sociais estão afetando nossa forma de produção de imagens.

PALAVRAS-CHAVE

Videoarte. Ficção. Vida ribeirinha. Rio.

ABSTRACT

This work is a collection of eight fictional videos about life in the state of Bahia, especially in areas close to rivers. Various cultural elements are presented and discussed throughout the text, in a poetic construction focused on elements that make up the universe of urban waters, such as bridges, boats and people in transit. The theoretical framework on which I base this work consists of theories of Vilém Flusser on the black box, Philippe Dubois on exhibition cinema and Kossoy on fiction in photography.

KEYWORDS

Video art. Fiction. Life riverside. River.

1.Introdução

Aquele que parte leva consigo uma parte de onde veio. Aquele que chega influencia e é influenciado pelo local onde aporta. Assim, esboça-se uma poética do viajante. João Cabral de Melo Neto cantou o universo das viagens e dos viajantes em seus escritos. Em *O Rio ou a viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife*, as andanças do viajante constroem reflexões e críticas sobre o aproveitamento do território, sobre a ocupação do espaço e da natureza.

A obra citada reflete, especificamente, a respeito da trajetória geográfica e econômica do Rio Capibaribe, cujo curso passa pelo Polígono das Secas, em Pernambuco, e serpenteia pela Região Metropolitana do Recife até alcançar o Oceano Atlântico. João Cabral viveu às margens desse rio por muitos anos e esse fato influenciou sua escrita e pesquisa poética.

Recife foi a minha primeira cidade de morada e de mudança. O Capibaribe cortava o bairro. Centenas de vezes cruzei as pontes sobre o rio que ligavam dois

trechos do centro da cidade. Naquela época, eu não enxergava a poética que existe no curso das águas. Saí do Nordeste.

Dez anos depois, retornei a morada para a região em virtude do trabalho, ao assumir como professora substituta na Universidade Federal do Vale do São Francisco. O oposto do motivo que me fez sair, me fez voltar: o processo de interiorização da universidade pública federal. Essa mudança no panorama educacional do território brasileiro vem construindo muitas riquezas intelectuais e econômicas para regiões antes esquecidas, com pouco ou moderado desenvolvimento urbano e industrial. Não sei se os grandes centros percebem, pois eu mesma não percebia quando estava em um. Porém, com a imersão nessa nova vida, em busca de encontros e adaptações diversas, venho experimentando territórios, universidades, aulas, discentes e docentes, pesquisas e recursos variados. Estes, nem sempre são abundantes; falta, também, a visibilidade adequada e, ainda, há a dificuldade de adaptação dos indivíduos que vêm de outras realidades e se instalam na região para trabalhar ou frequentar tais universidades.

A região do São Francisco é cultural e economicamente marcada pela presença do Rio São Francisco, tema de diversos livros, pesquisas e propostas políticas do país. Voltaremos a falar sobre ele mais à frente, posto sua importância nessa pesquisa. Em metáfora ao território dos rios, esse trecho será cortado por diferentes águas correntes que nos levarão por uma poética gótica sobre território.

Pouco mais de um ano depois, segui meu caminho e ingressei como docente efetiva da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Lá estava eu, seguindo novamente outros rios. A cada nova mudança, mais aventuras e menos receio do rio.

Essa pesquisa inicia assim: cortando o país através de suas universidades em busca de oportunidades e poéticas. Como artista da fotografia e da videoarte, o mundo é matéria prima e o registro digital é o arquivo cru de um trabalho de pesquisa que se desenvolve junto com a vida e o equipamento que se tem em mãos.

2. Metodologia: a poética da beira do rio

Todo mundo se engana ou pode ser enganado na fotografia (Soulages, 2010, p. 75). A ficção inicia-se quando a fotógrafa define o enquadramento. Começa a captura. Prende a respiração. Rec. Segura até a ação do assunto ser concluída. Stop. Matéria prima capturada com sucesso.

Essa pesquisa é sobre o movimento dos rios e da câmera de vídeo no interior da Bahia, saindo da cidade de Juazeiro, localizada no Vale do São Francisco, em direção à Santa Maria da Vitória, na região do Oeste da Bahia. O trajeto pesquisado não se limita ao menor percurso entre essas duas cidades. O recorte geográfico inclui as cidades pelas quais passei e arredores, cujas existências refletem a influência do rio em suas populações. Assim, incluo também registros realizados em Petrolina/PE, Juazeiro/BA, Barreiras/BA, Jaborandi/BA e Lençóis/BA.

Ao longo desse trajeto, enquanto vivia a experiência de residir em Juazeiro/BA e mudar para Santa Maria da Vitória/BA em decorrência de meu trabalho nas universidades interiorizadas, registrei o movimento das águas, dos animais, da natureza e do homem às margens de diferentes rios dessas regiões. O resultado são doze vídeos de aproximadamente 15 segundos, cada. São formados por uma cena única onde observamos algum acontecimento específico se desenrolar dentro ou na margem de rios, embarcações e pontes.

No presente artigo, apresento essa obra visando focar em conceitos-chave da narrativa maior que liga todas as cenas: a vida ribeirinha. Como dito no início, os registros são a matéria-prima do trabalho: o material bruto e o primeiro recorte da existência. O verdadeiro trabalho de arte ocorre durante a pós-produção. Nicolas Bourriaud (2009 p. 7) explica que “pós-produção” é o termo técnico usado para designar o conjunto de tratamentos dados a um material registrado. Essas modificações incluem a montagem e o acréscimo de outras fontes visuais, sonoras e efeitos especiais.

A arte da pós-produção amplia as possibilidades culturais e não está necessariamente preocupada em refletir a realidade em seus tons e cores originais. Nesse conjunto de vídeos, bem como em toda a poética que venho trabalhando desde 2016, a ficção percorre a narrativa através da deturpação da realidade ou da construção de uma cena voltada para a câmera, em busca de uma performance para a lente. Nem tudo é mentira. Quase nada aconteceu realmente da forma como é apresentada. Cabe ao leitor se divertir em sua leitura e geração de significados.

No fim, o conjunto de vídeos não é sobre mim. É sobre acontecimentos da vida da população que habita às margens dos rios da Bahia. É sobre trazer para outros centros urbanos de pesquisa em artes visuais as pequenas delicadezas dos acontecimentos próximos das águas de rios, utilizando a metodologia do movimento das águas que chamamos aqui de poética da beira do rio.

3. Uma palavra sobre equipamento e edição

Em muitas ocasiões, minha pesquisa em fotografia debruçou-se sobre o aperfeiçoamento da técnica e da manipulação consciente do aparelho. Esse trabalho, no entanto, é uma consequência do equipamento disponível, suas limitações e a ocasião.

Quando em trânsito, pode ser complicado para uma fotógrafa acessar o equipamento acondicionado, devido a uma série de fatores: a brevidade das pausas, onde guardou os equipamentos para transporte ou mesmo o tempo de montagem do corpo para a objetiva etc. Sendo assim, um equipamento prático, leve e sempre à mão pode ser mais apropriado, uma vez que permite a captura de forma mais imediata e, muitas vezes, até mais discreta. Tais fatores contribuem para a inserção do smartphone como ferramenta em parte do processo criativo.

Desse modo, todos os vídeos que compõem essa coleção foram capturados e editados via smartphone, numa forma de estudar a aplicação dessa máquina de captura na linguagem do *cinema de arte* (DUBOIS, 2009). A diversificação de equipamentos de captura e investigação sobre suas possibilidades poéticas faz parte do meu processo de pesquisa e já envolveu a fotografia analógica, a cianotipia, a fotografia em estúdio, jogos de iluminação e estudos sobre impressão.

A consequência de tal escolha trouxe uma imagem caracterizada por ruído e limitações técnicas. O foco não é cravado e a água não está congelada, conforme as tradicionais orientações fotográficas que prezam pela qualidade reconhecida como profissional no mercado. Por esse motivo, esse trabalho trafega por outras problemáticas da imagem técnica, como a dificuldade de aceitação do olho humano em relação ao pixel fotografado.

As imagens apontam para uma emulação do erro da linguagem fotográfica e da escassez de recursos técnicos. Assim, regras consolidadas da linguagem audiovisual – como a linha do horizonte, regra dos terços, eixo x e y, corte seco, entre outras – são aplicadas com rigor, entrando em choque com a qualidade imagética apresentada.

A principal característica limitadora do smartphone como equipamento fotográfico reflete, justamente, nas condições de impressão do material produzido. A qualidade da ampliação pode ser drasticamente prejudicada.

Em conjunto a essa questão limitadora, deparamo-nos com a problemática da memória digital. O arquivo virtual, cada vez maior, precisa de espaço para ser armazenado, editado, exportado e compartilhado. Em várias ocasiões, são muitos espaços virtuais ocupados para a produção final de um material. O acabamento e/ou o compartilhamento pode exigir a transferência do arquivo original ou editado para o computador ou outros softwares, gerando as contingências da memória virtual e do armazenamento de dados.

Para Vilém Flusser (2008), o problema central da sociedade telemática utópica é o da produção de informações novas que, a partir da sensação de absurdo, são assimiladas enquanto síntese de informações precedentes. Sob o ponto de vista do autor, não existe inspiração ou milagre, pois toda informação nova é produzida por informações precedentes partilhadas por diálogo e troca de bits. A informática e os *gadgets* inviabilizam a ideia do autor mítico, inspirado e solitário, que gera informações a partir do nada.

O conteúdo produzido, portanto, sofre interferência da máquina de captura escolhida e é claramente afetado pela sua atual configuração no mundo: 1920x1080px, na vertical. Esse enquadramento escolhido é motivado pela crescente interferência das redes sociais no processo criativo da produção do artista contemporâneo. Portanto, é também uma crítica à forma de consumo de informações digitais. Os formatos menores – ainda hoje rejeitados pelo mundo da arte, inclusive nas aulas iniciais dos cursos de graduação em artes visuais – começam a ser valorizados pela alta velocidade de processamento e compartilhamento de dados em meio virtual. Exposições no metaverso, NFT e projeções gigantes de arquivos leves são cada vez mais comuns no circuito das artes visuais.

Por essa conjuntura de fatores, esse trabalho tem um peso estético incômodo, porém, tolerável. A aplicação de filtros e um balanço de cor de alto contraste, com pouco brilho, são elementos que corroem a imagem do vídeo, acentuando falas, pretos profundos, informações ilegíveis, pixels salientes e outras distorções visíveis pelo olho aguçado do expectador.

4. Gótico contemporâneo: *decadence avec elegance*

A subcultura gótica é caracterizada pelo seu humor não convencional, sutil e questionador. Frequentemente, aborda temas relacionados à decadência, ao

existencialismo, à melancolia, ao romantismo sombrio e à obscuridade. Na contemporaneidade, o gótico aparece em obras literárias e audiovisuais através de personagens, narrativas e outros elementos estéticos como vestuário, cenário e colorização.

Ao longo do tempo, problemáticas atuais da sociedade foram sendo atualizadas dentro da subcultura gótica em suas abordagens com aspectos que privilegiam a profundidade e o lirismo. Conforme a configuração social se altera, a decadência urbana passa a fazer parte de sua construção cultural, promovendo questionamentos sobre a superficialidade da condição humana.

As cenas apresentadas nesse trabalho exibem configurações geográficas que afetam a dinâmica da vida urbana, provocando a paisagem industrial dos prédios, pontes e embarcações. O preto profundo oculta os detalhes e reforça a subjetividade das imagens que se arrastam lentamente na tela. A paciência é amiga da reflexão na arte e ambas são longas demais para a demanda do aparelho de captura, sempre urgente, dinâmico e ansioso pela publicação dos acontecimentos.

O gótico se complementa com a cultura do obscuro que, por sua vez, se interessa pela perspectiva poética e subjetiva da existência, através de uma visão positiva sobre sentimentos como melancolia, tristeza, solidão e introspeção. Esses sentimentos são exaltados pelas narrativas através, principalmente, da colorização e dos enquadramentos, que privilegiam o vazio, a amplitude e o distanciamento dos assuntos filmados.

A contemporaneidade inclui críticas sobre a estrutura pós-moderna na estética gótica. Em seu livro *A modernidade líquida*, Zygmunt Bauman (2001), discute características como desapego, individualização acelerada e contradições envolvendo tempo de liberdade e de insegurança. São debates atuais que permeiam as estéticas que agem na atualidade. Nas narrativas apresentadas, o fluído da realidade urbana esvai-se sobre zonas de ruralidade e maritimidade que parecem ocorrer em outra geração, pois são símbolos que compõem o imaginário coletivo relacionado ao passado histórico-social da região Nordeste do país. Essa é, portanto, a principal reflexão levantada por esses vídeos ao utilizarem elementos da estética gótica para a comunicação de pautas alternativas à visão de urbanidade na sociedade pós-moderna.

5. Limítrofe

Cada um dos oito (de doze) vídeos que apresento aqui possui um áudio característico que está relacionado à ação que se desenvolve na cena. Alguns vídeos aproveitaram o som diegético, ou seja, o som realista, que faz parte da existência da locação, seus objetos e personagens. Assim, o barulho das águas foi aproveitado, bem como o ronco do motor do barco que se move ligeiro pelo rio.

No entanto, não foi possível aproveitar o áudio original de todas as gravações, seja pela sobreposição de vozes e barulhos, que não estavam em sintonia com a narrativa, ou por não favorecerem as nuances poéticas das sequências. Desse modo, para alguns vídeos adicionei áudios apropriados, decorrentes de pesquisas que valorizaram os sons característicos das locações visitadas. A respeito da produção de ficção sobre o mundo real, Boris Kossoy faz a seguinte consideração:

O documento fotográfico não é inócuo. A imagem fotográfica não é um simples registro químico ou eletrônico do objeto fotografado: qualquer que seja o objeto da documentação não se pode esquecer que a fotografia é sempre uma representação a partir do real intermediada pelo fotógrafo que produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real, seu repertório, sua ideologia. A fotografia é, como já vimos reiteradas vezes, o resultado de um processo de criação/construção técnico, cultural, estético e ideológico elaborado pelo fotógrafo. A imagem de qualquer objeto ou situação documentada pode ser dramatizada ou estetizada, de acordo com a ênfase pretendida pelo fotógrafo em função da finalidade ou aplicação a que se destina (Kossoy, 2016, pp. 49-50).

Raciocínio semelhante pode ser utilizado em relação ao som, pois o áudio funciona como uma alusão à realidade ou uma metáfora que contribui para geração de significados na obra. O sistema de representação audiovisual é, em certo sentido, semelhante ao fotográfico: ambos compartilham de fragmentação e interrupção temporal. O som compõe uma terceira camada de significação da cena, acrescentando ou encobrindo informações e críticas.

A seguir, vamos conhecer e comentar brevemente os pequenos vídeos que compõem o acervo apresentado nesse estudo: *Organismo*, *Observações*, *Problemática*, *Introspecção*, *Engenho*, *Nave*, *Lua*, *Fogo*, *Caminho*, *Apressados*, *Solidão* e *Rock Balancing*.



Figura 1. – MELO, H., *Limítrofe*, 2024; Videoarte, 1920x1080px; frame inicial de cada vídeo. Disponível em <https://www.havanemelo.com/v%C3%ADdeo/lim%C3%ADtrofe>. Vídeos entre 10 e 30 segundos.

Em todos os micro vídeos, a grande angular é a lente responsável por espalhar o mar e o céu por toda a tela estreita que comporta o assunto. O horizonte divide a tela ao meio: água, céu e assunto. Ao fundo, cortando cidades ao meio, erguem-se os rios, como sinônimo de riqueza natural e econômica ou refletindo o isolamento social provocado pela conjuntura urbana atual.

A ocupação das margens de rios varia de acordo com a localidade e características urbanas da sociedade que ali se desenvolve. Sendo assim, habitar às margens do rio pode indicar alto ou baixo poder aquisitivo das famílias residentes, variando muito de uma região para outra.

Limítrofe, portanto, reflete a combinação de elementos que contribuem para a construção cultural e política dos seres humanos que habitam seu corpo. O áudio, que muitas vezes acompanha o movimento da camera, foi extraído de bancos de áudio, gravações amadoras, vídeos diversos postados na internet ou capturado em *loco*.

Na posição de um dos cursos de água mais importantes do Brasil, o Rio São Francisco marca a fronteira em Bahia e Pernambuco. Uma característica marcante desse rio é a diversidade de formas pelas quais a população local o incorpora nas atividades urbanas. Suas margens são bastante frequentadas por banhistas locais, turistas e pescadores, sendo assim centro de atividades esportivas, de lazer e

gastronômicas. A ponte Presidente Eurico Gaspar Dutra, construída por volta de 1950 com um pouco mais de 800 metros de extensão sobre o rio, é um marco da arquitetura da região.

O áudio que acompanha o movimento do Rio Francisco é diegético, levando, assim, para o cinema de exposição o barulho real das águas desse rio icônico para a cultura e economia nacional. Com essa cena, desejo despertar a reflexão introspectiva do observador diante da grande massa de água em movimento, contrastando com a força geométrica e sólida da estrutura de concreto que sustenta a base da ponte.

Quando se trata da recepção da fotografia, Flusser (2018, p. 79) afirma que a fotografia forma um círculo mágico em torno da sociedade e quebrá-lo seria emancipar a sociedade do absurdo. Tal raciocínio contribui para reforçar a potência ficcional do enquadramento utilizado nos vídeos, que omite os indivíduos que enchiam o local de movimento e barulho, permitindo que a imaginação do público preencha os vazios gerados pelo fragmento.

As embarcações são os veículos predominantes da vida na beira dos rios. O livro *Tradições do mar: usos, costumes e linguagens*, publicado pelo Serviço de Relações Públicas da Marinha (SRPM) em 1999 e até hoje utilizado, esclarece que um navio é uma nave, pois deriva do latim *navis*. A condução de uma nave chama-se *navegar* e encostá-la em um cais é *atracar*. O desenvolvimento e a popularização de nomenclatura técnica são imprescindíveis para o aprofundamento de conhecimentos formais entre os profissionais da área, permitindo que a comunicação flua livremente em diferentes regiões geográficas.

Quanto mais um indivíduo está próximo das zonas aquíferas, percebe-se maior familiaridade com os recursos marítimos disponíveis, seja na utilização da linguagem, na prática de esportes, empregabilidade de transportes de água, construção de mitos e lendas, gastronomia, economia e até na constituição familiar. Muito mais que mera forma de lazer, o rio é fonte de cultura, com indispensável contribuição para a interiorização das áreas urbanas do país. Inevitavelmente, provoca reações nas artes visuais afetando a estética e a disponibilização de matéria-prima para obras, vide a prática das Carrancas, esculturas com troncos de árvores tombadas e uso de barro e argila para produção de peças de arte.

A Carranca ainda é um forte item representativo de cultural regional em áreas de Pernambuco e Bahia. Em geral, é uma escultura antropomórfica executada em madeira, onde uma fisionomia sombria é entalhada. Para os antigos marinheiros da

região, funcionava como amuleto para espantar espíritos negativos, e como alarme sonoro, uma vez que rangia para sinalizar algum perigo marítimo.

Limítrofe, portanto, reflete também sobre navegantes de rios e busca dar luz às intensas movimentações que fazem parte da cultura organizacional no interior de embarcações. O áudio de um dos vídeos reproduz o barulho do motor de um barco sofrendo com a submersão em águas e foi encontrado através de uma breve pesquisa sonora sobre os ruídos emitidos pelo funcionamento das embarcações.

A Lua, satélite natural da Terra, afeta diretamente o movimento das marés. Através de força gravitacional, a massa da Lua atrai a massa de água da Terra, que é fluida. Essa movimentação das águas afeta também os rios, a navegação e a pesca. Por esse motivo, a Lua participa da vida da comunidade que vive próxima ao rio ou trabalha com barcos ou pesca. Seu significado pode ser mais forte de acordo com os hábitos da comunidade. Além de interferência física, o satélite é rico em interpretações simbólicas.

No vídeo, a Lua aparece marcando a passarela sobre o Rio Corrente, ligando as cidades Santa Maria da Vitória e São Feliz do Coribe, no Oeste da Bahia. Cruzando o caminho, vários pedestres passam em *time lapse*, criando uma sensação de velocidade paradoxal. O áudio entoa passos de uma caminhada distante, isolados dos demais sons do ambiente, colaborando para a criação de uma narrativa contemplativa. As pessoas no vídeo caminham para cumprir seu trajeto infinito dentro do pequeno filme de exposição. Assim, temos uma costura entre a vida no interior capturada pela tecnologia digital de um smartphone embaçando as fronteiras entre realidade, ficção e poética. Para Philippe Dubois (2009, p. 187), a videoarte realiza conexões entre artes plásticas, cinema e televisão desde 1960, remodelando a paisagem da arte em decorrência do universo digital atual.

Em meio a um trecho paradisíaco do Rio Corrente, cercado de vegetação densa e alta em ambas as margens, um grupo passa apressado em um pequeno barco de turismo. O som é diegético e, por isso, conseguimos ouvir o real barulho do motor da embarcação.

A lentidão do momento é cortada pela presença do barco e dos olhares trocados entre os que estão embarcados e aqueles que seguem na margem, um pouco camuflados na desordem vegetal da trilha. Apesar da pequena quantidade de pessoas à vista, as marcas da passagem humana na região são bem presentes e parte da cidade ergue-se a poucos metros da margem. Essa configuração permite o

questionamento: a modernidade comporta distintas definições de acordo com a região referenciada ou estamos presos numa cena anacrônica de uma pseudorealidade?

Em um dos vídeos, um cavalo cruza a tela seguindo um frágil deck de madeira, com sinais de desativação. A presença do cavalo em zonas de rio é corriqueira, sendo muitas vezes um local para alimentar, repousar ou limpar o animal. São práticas que fazem parte da rotina de grupos urbanos menores, ainda dependentes de força de tração animal para o desempenho de algumas atividades, especialmente de carga.

O áudio traz para o primeiro plano auditivo o som dos cascos de um cavalo caminhando sobre fina vegetação. A conexão entre imagem e som confunde realidade com ficção, uma vez que seria necessário um microfone junto aos pés do cavalo para conseguir gravar o som de seus passos com tamanha nitidez. No entanto, o operador de câmera posiciona-se na margem oposta do rio, sinalizando, assim, que nem tudo que os sentidos percebem nessa obra é real.

Outro animal com forte significado no interior do Nordeste é o anu-preto, um pássaro típico da porção Leste da América do Sul que está presente em várias cidades do Brasil. Em geral, prefere lugares abertos e na cidade pode viver em terrenos baldios e outras áreas tomadas pelo capim. Sendo assim, sua presença é mais forte em cidades com marcante presença rural e pouca urbanização industrial. O canto desse pássaro dá o tom da narrativa de um dos vídeos, enfatizando a presença solitária de um personagem em silêncio no meio do rio.

O preto profundo destacado pelo processo de colorização do vídeo camufla ainda mais os elementos secundários das cenas, permitindo que o espectador foque no assunto escolhido. O contraste de tamanho entre personagem x vegetação e de cor entre preto x branco dramatiza pequenas ações. O ser humano em seu barco torna-se minúsculo diante da grade natural da composição: água, terra e céu.

Em seus ensinamentos, Fritz Lang, director de filmes sobre horror e em pretos e branco, redigiu um dicionário de significados que sua mente construiu para o cinema. Entre diversas palavras escolhidas, Lang desenvolve uma metáfora para justificar o vazio em sua produção cinematográfica:

Se eu precisasse explicar para que reservo com frequência um grande espaço vazio em torno de um centro de interesse, diria que é o efeito mais simples e que não quero distrair o público daquilo que é importante. Num filme a cores eu não colocaria uma maçã vermelha atrás de uma delicada jovem moça, porque os olhos do espectador seriam demasiadamente solicitados pela mancha vermelha (Lang, 2014, p. 72).

O impacto do vazio na narrativa audiovisual é acentuado pelas escolhas de enquadramento. Esse recurso permite que novas camadas de significado sejam adicionadas à imagem, direcionando a mente do espectador para um local silencioso e reflexivo, remetendo a prática do *Rock balancing*, frequente em áreas de rios mais isolados. A arte de equilibrar pedras faz parte dos princípios zen e é uma forma de alcançar a meditação. Aos poucos, o equilíbrio vai sendo conquistado à medida que o sujeito se entrega à experiência de paciência, relaxamento e confiança. Essa atividade, além de exercício meditativo e terapêutico, compõe a prática artística de profissionais que buscam uma entrega profunda ao processo e interessam-se por relacionar arte e natureza.

O objetivo da montagem baseada no balanceamento de pedras é a conexão consigo mesmo em busca de clareza, entendendo a transitoriedade dos ciclos e a impermanência como parte da vida. Assim, locais que favorecem a aproximação com a natureza contribuem para o desenvolvimento dessa prática, seja como arte ou meditação. O barulho das águas em movimento contrasta com o equilíbrio das pedras, deixando claro que o rio é, sobretudo, local de contemplação e de ação da natureza.

5. Conclusão

Esse é um trabalho regional, ao mesmo tempo ficcional e etnográfico, com toques de uma estética gótica contemporânea. A construção da narrativa é rápida, em consonância com a velocidade da sociedade atual. Em contrapartida, é reflexiva e orienta para uma pausa no caminho do visitante.

Busquei aqui retratar uma parte do país que, me parece, ainda está oculta para os olhares acadêmicos, bem como para o cenário da arte contemporânea e outras esferas da sociedade. No entanto, é uma região com um poder silencioso capaz de intimidar o ser estranho. É uma região que exige entrega e força para se atingir a permanência. Por isso, trouxe esse debate para o texto através de uma forma poética de discutir situações socioculturais. Não é sobre certo e errado ou preto e branco. É reflexão, crítica e poesia.

Portanto, realizamos um percurso de rio baianos em uma narrativa permeada de vida rural, longe das grandes cidades. Ouviu-se o barulho das águas e do motor das pequenas embarcações que cruzam o rio a trabalho e lazer através da pesca, do turismo e do transporte de pessoas e produtos. Assim configura-se atualmente o

Oeste da Bahia. Conhecido pelo seu calor implacável que castiga quem passa por suas terras.

Ainda, apresentamos conceitos cinematográficos explorados por Fritz Lang e Philippe Dubois, tecendo uma ponte entre conhecimentos clássicos do cinema e a celeridade do equipamento de captura: o smartphone. Desse modo, cruzamos o limite entre técnica e narrativa cinematográfica, construindo situações ficcionais na trama fotográfica, conforme nos ensina Kossoy (2016).

A consciência humana sobre a atividade da máquina permite o desenvolvimento crítico da fotografia, pois quem manipula a câmera tem o poder de interferir na construção de sentido. A imagem técnica diz respeito àquilo que é esteticamente aceitável; em contraposição, renova-se a filosofia da fotografia numa busca incessante na atualização do conhecimento técnico em sua aplicação na sociedade contemporânea, valendo-se de recursos como as artes visuais, o cinema de exposição e as redes sociais.

Todos os fatores citados contribuem para a construção dessa pesquisa através da apreciação estética de paisagens semiurbanas. Espera-se, portanto, que o passeio pelos vídeos seja delicado e reflexivo, encantador e assustador, tecnicamente enquadrado e experimentalmente editado. O preto profundo é sempre mais uma camada de significado.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DUBOIS, Philippe. Um "efeito cinema" na arte contemporânea. *In: Dispositivos de registro na arte contemporânea*. Luiz Claudio da Costa (org.) Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma filosofia da fotografia**. São Paulo: É realizações, 2018.

FARIA, Zênia de. **Viagens e viajantes na obra poética de João Cabral de Melo Neto**. SIGNÓTICA, v. 20, n. 1, p. 209-232, jan./jun. 200.

KIPPER, Henrique A. **A happy house in a black planet: introdução à subcultura Gótica**. São Paulo: Edição do Autor, 2008.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.

Vários autores. **Fritz Lang: o horror está no horizonte**. Catálogo da exposição. Cine Brasília: 24 jul – 27 ago 2014.

LYRA, Márcio de Faria Neves Pereira de. **Tradições do mar: usos, costumes e linguagem**. Brasília: Serviço de Relações Públicas da Marinha, 1999.

MENDONÇA, Luíza Schlatter. **Por uma poética da viagem: sobre composições por trajetos e relatos de ficção**. Trabalho de graduação em artes visuais. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

MELO NETO, J. C. de. **O rio, ou relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife**. Rio de Janeiro: Fontana, 1974.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Editora SENAC, 2010.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; SILVA, Nilce da. **A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma**. Revista Mal Estar e Subjetividade. Fortaleza, v. 8, n. 1, pp. 171-194, mar. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482008000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso 11 fev. 2024.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Capibaribe. Acesso em 10 fev. 2024.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_S%C3%A3o_Francisco. Acesso em 12 fev. 2024.

Sobre a autora

Havane Melo é professora do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Doutora em Artes Visuais. Mestre em Comunicação. Licenciada em Artes Visuais. Bacharel em Direito. Artista visual com ênfase em fotografia, vídeo e design gráfico. Site da artista: www.havanemelo.com

havane.melo@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1734265519220937>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1284-1635>

Como citar

MELO, Havane. Limítrofe: pesquisa em videoarte sobre a poética da vida ribeirinha, com considerações técnicas. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, *n.p.*. 1º Semestre de 2025. Doi. 10.14393/EdA-v6-n1-2025-75907 **(versão ahead of print)**.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.